



## **Tempos redescobertos: estruturas que persistem**

*Rediscovered times: persisting structures*

*Tiempos redescubiertos: estructuras que persisten*

### **Natalie Rachid Baptista**

Mestranda, FAU USP, Brasil; arquiteta graduada, FAU Mackenzie, Brasil  
natalie.rachid@usp.br

### **Igor Guatelli**

Professor Doutor, FAU Mackenzie, Brasil.  
igor.guatelli@mackenzie.br



#### **RESUMO**

O destino de estruturas ociosas, que tiveram suas funções originais interrompidas a partir de mudanças sociais, históricas ou de lógicas econômico-produtivas, é uma oportunidade de se debater o valor patrimonial-arquitetônico nas cidades. É pelo retorno desfigurado, proveniente de ressignificações dessas estruturas, que novos caminhos podem ser abertos. A dimensão de propriedade como algo que é próprio e intrínseco se rompe. As estruturas ociosas existentes no meio urbano deixam de ter características próprias, abrindo-se a novas possibilidades e ficando à disposição de inventivas reabilitações. Destaca-se, nesse processo, uma estética baseada na adição a partir de acoplamentos arquitetônicos, sugerindo outra ética na maneira de se construir paisagens e dinâmicas urbanas sustentáveis. A ideia de reativação de estruturas obsoletas e abandonadas, arruinadas e não o simples apagamento, torna-se, em torno do conceito de montagem, o principal vetor de análise e problematização deste artigo. Partiremos da análise de duas obras situadas em Paris para uma problematização crítica em torno da defesa da manutenção e reativação de estruturas abandonadas e arruinadas, a saber a *Cité de la Mode et du Design* e o *Entrepôt Macdonald*.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acoplamentos, Ruínas, Reabilitação

#### **ABSTRACT**

*The fate of idle structures, which have had their original functions interrupted due to social, historical, or economic-productive changes, presents an opportunity to debate the architectural heritage value in cities. It is through the distorted return, stemming from the resignifications of these structures, that new paths can be opened. The dimension of property as something that is inherent and intrinsic is broken. Idle structures existing in urban areas cease to have their own characteristics, opening up to new possibilities and being available for inventive rehabilitations. In this process, an aesthetic based on addition through architectural couplings is highlighted, suggesting another ethic in the way of building sustainable landscapes and urban dynamics. The idea of reactivating obsolete and abandoned structures, ruined and not simply erased, becomes, around the concept of assemblage, the main vector of analysis and problematization of this article. We will start from the analysis of two works located in Paris for a critical problematization around the defense of the maintenance and reactivation of abandoned and ruined structures, namely the *Cité de la Mode et du Design* and the *Entrepôt Macdonald*.*

**KEYWORDS:** Couplings, Ruins, Rehabilitation

#### **RESUMEN**

*El destino de las estructuras ociosas, cuyas funciones originales han sido interrumpidas debido a cambios sociales, históricos o económico-productivos, es una oportunidad para debatir el valor patrimonial-arquitectónico en las ciudades. Es a través del retorno desfigurado, resultante de la resignificación de estas estructuras, que se pueden abrir nuevos caminos. La dimensión de la propiedad como algo propio e intrínseco se rompe. Las estructuras ociosas existentes en el entorno urbano dejan de tener características propias y se abren a nuevas posibilidades, quedando disponibles para rehabilitaciones inventivas. En este proceso, se destaca una estética basada en la adición a través de acoplamientos arquitectónicos, sugiriendo una ética diferente en la forma de construir paisajes y dinámicas urbanas sostenibles. La idea de reactivar estructuras obsoletas y abandonadas, arruinadas y no simplemente borrarlas, se convierte, en torno al concepto de montaje, en el principal vector de análisis y problematización de este artículo. Partiremos del análisis de dos obras ubicadas en París para una problematización crítica en torno a la defensa del mantenimiento y reactivación de estructuras abandonadas y arruinadas, a saber, la *Cité de la Mode et du Design* y el *Entrepôt Macdonald*.*

**PALABRAS-CLAVE:** Acoplamientos, Ruínas, Rehabilitación



## 1. INTRODUÇÃO

Como uma simbiose de tempos históricos, o território urbano possui vestígios de estruturas que, de certa forma, entraram em crise por não se adaptarem ou não serem mais úteis às lógicas - produtivas, sociais - do momento atual. Tais vestígios representam uma extensão do passado no presente, como presenças de diferentes tempos marcadas no território.

Se os processos de arruinamento de estruturas e paisagens urbanas e de obsolescência são uma realidade inexorável dos grandes centros, é por meio desses processos que podemos investigar, repensar e reinscrever processos históricos na própria história; a história a partir de seus rastros e ruínas.

A paisagem urbana, um palimpsesto, nos mostra o que restou de outros tempos, os passados presentes como uma chance de retorno de certas estruturas. Esse retorno abre possibilidades de construção de novas arquiteturas, o “resto” de outros tempos pode ser a brecha para recontarmos a própria história, fundamental, portanto, para que a ela permaneça aberta, viva.

Novas possibilidades de se pensar o território surgem quando percebemos a existência daquilo que tem sido ignorado e descartado nas paisagens urbanas. As ruínas, os espaços de esquecimento, podem estar cheias de vida. Seria o renascimento a partir do abandono, a reabilitação como enfrentamento às políticas de destruição.

Esse artigo pretende analisar o processo de reconversão de dois entrepostos comerciais abandonados em Paris, sendo eles a *Cité de la Mode et du Design* e o *Entrepôt Macdonald*. Como suporte à análise projetual, partiremos de uma investigação teórica, para que pensemos o agora a partir do reposicionamento do passado como fonte de possíveis presentes e de reativação de cenários arruinados.

Esses projetos se aproximam por terem sido reativados pela cidade de maneira distinta do que eram a priori, novas moradas provenientes de restos de outros fluxos, parte de um processo de montagem por acoplamentos arquitetônicos. No conjunto formado, novas e antigas estruturas, lado a lado, tornam-se experiências projetuais baseadas na multiplicidade, no agenciamento de partes distintas e na heterogeneidade, portanto não mais uma arquitetura unitária e sintética.

Por outro lado, esses projetos se diferem pela forma como voltaram ao agora da história, novas dinâmicas sociais e urbanas são produzidas por esse novo conjunto advindo da articulação entre resto e novo. Outras paisagens ressurgem, desfiguradas, transfiguradas nesse retorno como outro e por comparação, diferenças e semelhanças desses patrimônios<sup>1</sup> que retornam serão evidenciadas e discutidas.

---

<sup>1</sup> Patrimônio, nesse trabalho, é conceituado a partir de dimensões materiais e imateriais das estruturas. Não são considerados, nesse caso, apenas estruturas oficialmente tombadas, mas sim, considerando-se o conceito de representatividade, ou seja, elementos que de alguma forma deixem no território traços, marcas de outros tempos e lógicas, representativos de outras dinâmicas que restaram na paisagem construída, mesmo que obsoletas, e que, agora, retornam como potência para sua própria reinserção e atualização urbana.

Figura 1- Cité de la Mode et du Design, Paris



Fonte: dos autores, 2022

Figura 2- Entrepôt Macdonald, Paris



Fonte: dos autores, 2019

## 2. OBJETIVOS

Como objetivo geral do artigo, a intenção é apresentar, por meio dos projetos estudados, diferentes estratégias e possibilidades de se pensar a cidade a partir de uma outra estética de produção das paisagens urbanas. Estética essa que se baseia não no apagamento, descartes e renovações constantes, mas na reabilitação, reativação e no reaproveitamento de estruturas ociosas, consideradas obsoletas e adormecidas na cidade, por meio de adições que inauguram lógicas. Pretendeu-se qualificar, arquitetônica e urbanisticamente, como esses acoplamentos metamorfosearam as estruturas e como elas foram restituídas ao espaço público urbano sem alterar seu chão.

## 3. METODOLOGIA

A primeira aproximação aos projetos estudados se desenvolveu por meio de observação, croquis diagramáticos, registros fotográficos retirados de sites de internet e livros sobre eles. Além disso, leituras transversais entre Arquitetura, Urbanismo e Filosofia foram o ponto de partida para a construção de reflexão teórica inicial sobre a contemporaneidade e o lugar que a ruína e o obsoleto ocupam nesse cenário pautado por contínuos e brutais processos de renovações urbanas.

A partir da visita in loco à *Cité de la Mode et du Design* e ao *Entrepôt Macdonald* houve revisão e expansão bibliográfica, incorporando novos conceitos pertinentes à posterior análise dos projetos à luz dessa aproximação empírica. Registros fotográficos e escritos pessoais a partir de impressões de cada lugar foram essenciais para a formulação de novas reflexões de reavaliação dos projetos. O confronto entre o observado in loco e as reflexões teóricas e práticas feitas a priori sobre os projetos foi essencial para a formulação das análises dos projetos, ampliadas de maneira crítica pela transdisciplinaridade e transversalidades entre teoria e realidade.

## 4. RESULTADOS



#### 4.1. Continuidades e rupturas

As grandes cidades europeias eram no século XIX e XX essencialmente industriais. Estruturas de suporte à indústria, como linhas férreas, galpões, estruturas portuárias, etc. foram objetos marcantes na paisagem urbana e fizeram parte das lógicas de abastecimento e produção industriais. Com a saída dessa produção dos centros urbanos para as periferias e cidades menores, essas estruturas se consolidaram como memória, objetos à deriva na cidade que foram retirados do seu fluxo inicial e entraram em estado de dormência.

A problemática da ociosidade patrimonial se insere, portanto, numa discussão mais ampla sobre o sistema capitalista que rege as dinâmicas econômicas e sociais, incluindo a arquitetura e o urbanismo como reflexo desse pensamento. O capital renova-se permanentemente em suas dinâmicas baseando-se em princípios utilitários, funcionais e lucrativos, tendo como consequência o descarte daquilo que não se adequa mais a esses preceitos e aos seus modos de produção e reprodução próprios. Interessa-nos esse descarte como meio de construções de novos “patrimônios” urbanos e sociais. O retorno dessas estruturas, portanto, passa a ser fundamental como contracorrente e emersão de outras ecologias sociais, tessituras urbanas locais, práticas urbanas mais generosas e não apenas voltadas à produção e às lógicas vigentes impostas pelo capital.

Enfrentar a questão da reabilitação do patrimônio industrial na Europa significa abordar uma parte da história urbana das últimas décadas. Reabilitar<sup>2</sup> algo remete à ideia de mudança de estado, de habilitar o que estava inativo, inerte e abandonado. Essa reabilitação pode se realizar por meio de diferentes estratégias, sendo uma delas, presente nos dois projetos aqui apresentados, o acoplamento de novas estruturas naquilo que restou como memória de uma história ultrapassada, acréscimos que não subtraem espaços públicos ou suprimem chão, pelo contrário, ampliam.

Para Huyssen (2000), a conservação idêntica do passado e do patrimônio seria como fetiches de um tempo e de estruturas que devem permanecer intocáveis. Existe, nos projetos analisados, um certo desprendimento, que renuncia o patrimônio do estado de congelamento e sacralização, a mais um elemento a se trabalhar nas questões arquitetônicas e urbanísticas. O “construir junto” a ele, mantendo níveis de relação diversos, reafirmando essa montagem e consequente mutação como estrutura habilitada a novas dinâmicas. Estamos falando de um potencial urbano em latência, interrompido em seu fluxo “naturalizado”, mas, por isso, já ressignificado. Podemos dizer que estruturas dormentes são estruturas ressignificadas pelo tempo. A interrupção de fluxos cria novos fluxos.

Essas mudanças podem ser apreendidas através de duas grandes narrativas que se conjugam e convergem por esses espaços qualificados como obsoletos. De um lado, se constrói o conceito de “cidade atrativa”, cultivado a fim de estimular e encorajar o desenvolvimento econômico atraindo investidores e atividades. Presente na maior parte das reconversões, ele é testemunho de uma ação urbana do Estado cada vez mais empresarial. Do outro, evolui a noção de “patrimônio” ou “herança”, que induz à

---

<sup>2</sup> O uso do termo reabilitar no sentido de habilitar a estrutura não como uma repetição, mas sim como outra coisa, com outro programa e outra intenção arquitetônica



essência das reconversões novas formas de relação com o patrimônio existente, seja ele valorizado ou não. (MERCURIALI, 2014, p.77, tradução nossa)

Acompanhando Deleuze, corte e fluxo são um mesmo conceito, não existindo a dualidade pressuposta entre eles. Interromper não é o oposto de fluir, mas sim a condição para que alguma coisa queira fluir. “Um fluxo só flui uma vez cortado” (ZOURABICHVILI, 2003, p.19, *tradução nossa*), ou seja, o fluxo só flui uma vez cortado e apenas para onde sua interrupção for possível, sem nunca se concretizar em uma forma única. Fluxos históricos, como a era industrial, são interrompidos, abrindo espaço para a chegada e recepção de outros fluxos e multiplicidades no espaço, o que resta de fluxo interrompido é receptáculo de novos fluxos. O que resta de estrutura (antigo) é receptáculo de novas estruturas (novo), tornando-se outra coisa sem abandonar ou a destruir, sem que haja sua completa transformação.

Ainda segundo Deleuze, o território teria um conjunto de componentes em constante movimento, em constante busca por novos territórios e lugares. O encontro dos diferentes ritmos, velocidades e frequências de cada componente se arranja em um conjunto urbano, sem que se consolide como algo fixo, mas como algo capaz de ser interrompido, desterritorializado e territorializado novamente, sem um ponto final. A máquina de produção de diferentes seria a ideia do refrão, “*Ritournelle*”<sup>3</sup>, que se repete, mas nunca da mesma forma.

A chegada de novos fluxos e novas estruturas introduzem uma maneira diferente de se pensar o patrimônio urbano, não mais vistos como estruturas a serem conservadas em seu estado idêntico, ou museificadas, mas como suporte para acoplamentos arquitetônicos e urbanos, arquiteturas capazes de reinventar e reposicionar o existente no urbano, evidentemente, com distintos graus qualitativos de interação urbana, social e arquitetônica. De que forma a chegada de um novo fluxo, a partir do seu corte inicial, consegue ou não ressignificar tanto a própria estrutura, com novas arquiteturas acopladas a elas, quanto o lugar urbano em que se encontram? Estruturas restantes podem já ser estruturas de devires a partir de uma montagem diversa, explorando as singularidades e dissonâncias entre o antigo e o novo.

Arquiteturas anteriores se desterritorializam de suas funções originais e se reterritorializam com a chegada de um novo fluxo. O corte histórico torna possível a chegada de novos fluxos, novas estruturas e programas. Os fluxos que um dia irrigaram essas estruturas ociosas foram cortados, secados, abrindo a possibilidade, ao mesmo tempo, para que novos fluxos as irriguem e as re-lubrifiquem. As estruturas acopladas, com variados programas podem ser o fluxo capaz de gerar novas situações de dinamicidade e reciprocidade com o contexto urbano, ou também, pode ser esse líquido capaz de preservar uma carcaça, sem trazer uma nova vitalidade, “como se a disparidade das diferentes peças se tornasse uma razão para pô-las juntas, fazê-las funcionar conjuntamente.” (LAPOUJADE, 2003, p. 18)

---

<sup>3</sup> O Conceito de *Ritournelle* [refrão], segundo Deleuze seria o conjunto de expressões que marca um território, seria a repetição não idêntica, a “máquina de repetição de diferenças”. Esse conceito está indissociável da ideia de desterritorialização e reterritorialização. O *Ritournelle* nasce do caos, a partir do encontro de diferentes meios, ritmos, e velocidades de cada componente. Esses componentes estão em constante movimento, em constante busca por novos fluxos, no constante busca do território por novos territórios.

## 4.2. Paisagens Híbridas e Acoplamentos

Arquitetura e Urbanismo não têm passado incólumes à paulatina substituição de um ideal de progresso, fundado na lógica da superação, por uma ideia de preservação, coexistência e reabilitação. Os dois projetos estudados faziam parte das lógicas industriais da cidade de Paris, a *Cité de la Mode et du Design* e o *Entrepôt Macdonald*, antigos entrepostos portuário e ferroviário, respectivamente, que entraram em estado de obsolescência. A partir da sua transformação por acoplamentos, novas dinâmicas urbanas se instauraram e as relações entre público e privado, interior e exterior foram alteradas.

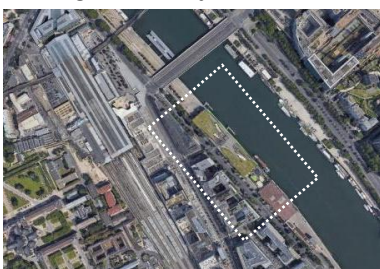
Para que se entenda a palavra acoplamento e seus significados nas arquiteturas aqui discutidas e no território, recorreu-se ao livro de Michel Serres *Le Parasite* (1997). O capítulo “A maneira e o meio” (1997, p.121, *tradução nossa*) nos mostra a multiplicidade das formas de parasitismo, relativizando as posições do parasita e do hospedeiro e explicitando a relação dinâmica entre as partes do conjunto.

Assim como os componentes do território, de “*Ritournelle*”, o parasita busca em outros territórios (*para-site*, além do local) a sua existência, a Arquitetura por acoplamento busca suporte na estrutura ociosa, e essa nova estrutura (novo + antigo) ressurgue com outra relação hierárquica.

O parasita, usualmente, é aquele que se utiliza de outro ser, mais forte, para sobreviver, porém, ao analisar os estudos de caso, aquele que chega depois, o parasita, por acoplamento, pode acontecer para injetar vitalidade naquele que está “morrendo” ou perdendo força diante das circunstâncias do momento. A estrutura ociosa não seria apenas suporte para a estrutura parasita, mas também parasita, no sentido de usufruir da nova estrutura acoplada para sua existência e permanência. Com uma lógica de ligações, acoplamentos e agenciamentos, as próteses e os fluxos dessas novas arquiteturas são como montagens físicas e temporais, a arquitetura construída sobre a arquitetura, a cidade na cidade, outras cidades.

### 4.2.1. *Cité de la Mode et du Design*, Paris

Figura 3- Situação Urbana



Fonte: Google Earth

Figura 4 - *Magasins Généraux*



Fonte: <https://gallica.bnf.fr/>

Figura 5 - *Cité*, cota do Rio Sena



Fonte: dos autores, 2022

No início do século XX, o governo francês investiu na construção de entrepostos industriais para enriquecer a logística das indústrias da cidade e do país e também como uma estratégia para expandir o porto de Paris. Esses entrepostos eram responsáveis pelo armazenamento de produtos que chegavam pelo Rio Sena às ferrovias. Em 1907, foi construído

pelo arquiteto Georges Morin-Goustiaux o «*Magasins Généraux d'Austerlitz*», primeira estrutura em concreto armado aparente da cidade, deixando exposta à ossatura da construção. Essa estrutura era um grande depósito e fazia o armazenamento de mercadorias que seguiriam à *Gare d'Austerlitz*, importante estação ferroviária da cidade.

O entreposto industrial passou por um processo de abandono e degradação, sua função original foi descartada com a desindustrialização da capital, para outros centros. Paris, como a grande metrópole moderna não poderia mais comportar tamanha logística industrial no centro da cidade, dessa forma, estruturas complementares às indústrias restaram obsoletas. Em 2005, o governo francês decide organizar um concurso público para a criação de um programa cultural de reativação da estrutura. A conservação ou não da construção seria critério dos participantes, e o escritório Jakob+Macfarlane decidiu manter a estrutura e acoplar a ela uma nova estrutura, como uma carcaça que se fixa ao existente.

Essa carcaça abriga os acessos verticais públicos que fazem as conexões entre os diferentes níveis: as margens do Sena, o térreo e os pavimentos superiores da estrutura. Foi criado um programa bastante diversificado, trazendo um outro fluxo à estrutura existente.

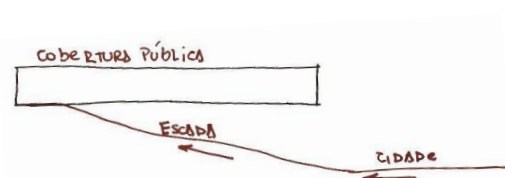
O Instituto francês de Moda e do Design abriga salas de aula, miateca e um auditório, programa que mistura moda e design. Está na sua cobertura, um lugar público de bares, restaurantes e deck, o momento em que edifício e cidade se reconectam pelo apêndice criado. Esse apêndice se torna um membro capaz de inaugurar um novo fluxo, cais do Sena e estrutura se aproximam.

Figura 6- Esquema público (vermelho) x privado (preto)



Fonte: dos autores, 2019

Figura 7- Infiltração da cidade no espaço



Fonte: dos autores, 2019

A articulação em pele esverdeada parasita a estrutura antiga, contaminando-a em vários níveis, e, para além da estética, reinsere a antiga carcaça nos fluxos urbanos atuais, a nova estrutura torna visível a antiga estrutura. Um enxerto na forma de circulação garante a reanimação do local. O acesso vertical externo, público, independente do uso interno da estrutura (público ou privado), leva o pedestre ao nível da cobertura de forma fluida, contínua e garante a extensão do espaço público ao criar e ativar uma cota elevada na cidade, amplificando a intensidade de uso do edifício. Ainda que seu programa abrigue espaços mais fechados e privados, essa circulação vertical externa garante o uso público da cobertura sem interferir nos acontecimentos internos do edifício.

#### 4.2.2. *Entrepôt Macdonald*, Paris



Figura 8- Situação Urbana



Fonte: Google Earth

Figura 9 - Entrepôt, Nível térreo, 1985



Fonte: <https://gallica.bnf.fr/>

Figura 10 - Entrepôt, 2019



Fonte: dos autores, 2022

A região nordeste de Paris é essencialmente um ponto estratégico de entrada à cidade. Por se conectar a duas das principais estações ferroviárias da capital, a *Gare du Nord* e a *Gare de l'Est*, essa região fazia parte da logística industrial da cidade. Como já mencionado anteriormente, Paris sofreu um processo de desindustrialização, deixando uma herança industrial na capital. Entrepósitos, galpões e antigas malhas ferroviárias são hoje potenciais arquitetônicos para o Estado e para os investidores privados, tanto pela reabilitação dessas estruturas em polos de atividades, zonas comerciais e polos de interesse social, quanto pela intenção de se fazer do local um território de experimentações urbanas ao utilizar o patrimônio industrial existente.

O Entrepósito Macdonald se situa nesse contexto, projetado em 1966 por Marcel Forest, fazia parte do grupo Calberson, de transportes e frete. Trata-se de uma estrutura em concreto de 617 m de comprimento, com malha estrutural bastante rígida, situada entre o Boulevard Macdonald e a ferrovia.

Nos anos 2000, por meio de um concurso público, foi elaborado um projeto urbano de renovação da área do entreposto, até então ociosa, pelo escritório OMA. A conservação dessa estrutura fez parte da estratégia de recuperação dessa zona, além da adição de novos programas e novas estruturas. No antigo projeto, a cobertura do entreposto era um grande espaço de estacionamento, suportava aproximadamente 1500 carros. Essa cobertura foi elemento principal de conexão entre a antiga estrutura e as novas construções sobrepostas a ela; onde antes era um estacionamento, espaço “defunto”, agora faz papel de articular cada parte do novo projeto a um todo estrutural. Pátios abertos entre as novas construções são espaços hoje de agregações comunitárias.

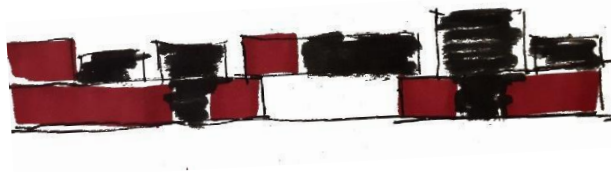
Além disso, fazia parte do projeto urbano a construção de diversificada malha de transportes públicos, a nova estação de RER, malha expressa regional da *Île de France*, Rosa Parks e a linha de VLT, para que houvesse a reconexão dessa parte da cidade, novo polo arquitetônico, às logísticas urbanas atuais.

O entreposto, que antes era uma barreira, foi encarado como peça fundamental para a criação do eixo norte-sul e foi cortado fisicamente para que um novo fluxo (corte-fluxo) o penetrasse, a linha de VLT, que passa sob uma abertura criada (Figura 12). Essa falha na estrutura representa uma solução infraestrutural de conexão entre os diferentes modais de transporte público, além de criar uma praça pública para os pedestres. A diversidade programática concentrada na estrutura contribuiu para a construção de um território dinâmico e híbrido, possui a potência de um bairro ao longo dos seus 617 metros, uma nova centralidade.

O *Entrepôt* condensa significativa diversidade de práticas e funções, foram propostos múltiplos usos como habitações sociais para estudantes e trabalhadores dos escritórios instalados no local, incubadora de empresas, um equipamento esportivo e escola, além de cafés, bares e espaços comerciais.

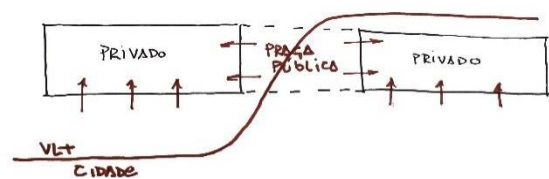
A diversidade também se apresenta na maneira como o projeto foi concebido. O programa foi montado por meio de sobreposições, como uma montagem de programas e situações sobre e sob o entreposto.

Figura 11- Esquema público (vermelho) x privado (preto)



Fonte: dos autores, 2019

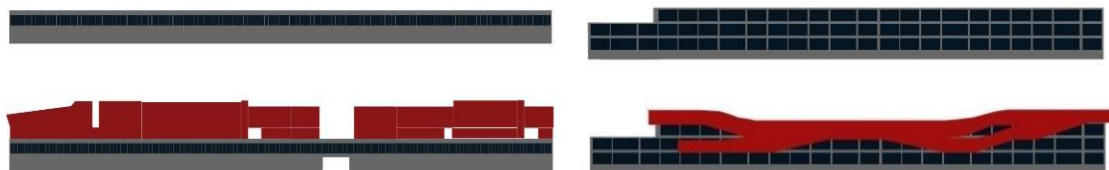
Figura 12- Infiltração da cidade no espaço



Fonte: dos autores, 2019

Os croquis acima (Figuras 11 e 12) evidenciam a integração da estrutura e seus espaços públicos e privados propostos com a cidade. Por meio da praça central, criada a partir da perfuração da estrutura pelo VLT, e pelo térreo se dão os acessos aos diferentes programas propostos e a espaços públicos nas cotas superiores. A posição estratégica e pública dos acessos garante a maior integração do contexto urbano com a estrutura, como se a cidade também fosse costurada para dentro da estrutura pelo VLT que a atravessa.

Figura 13 - *Entrepôt Macdonald e Cité de la Mode et du Design* antes e depois (acoplamento em vermelho)



Fonte: dos autores

O processo de montagem por meio dos acoplamentos arquitetônicos das duas estruturas estudadas está representado no diagrama acima (Figura 13). Em cinza temos as estruturas existentes uma vez abandonadas, em vermelho temos a nova estrutura que se acopla ao existente. Nesse processo há a transformação dessas estruturas sem as destruir, novos programas e novas relações são estabelecidos associando o antigo e o novo, uma convivência mútua entre tempos. É possível entendermos que, por meio dos acoplamentos arquitetônicos, a relação entre as diferentes cotas da cidade é alterada e, por conseguinte, as fronteiras entre público e privado são borradas, como se a cidade penetrasse no espaço privado da escola de moda e dos diversos programas do entreposto Macdonald.



Figura 14 - *Cité*, nível Sena, articulação entre níveis



Fonte: dos autores, 2022

Figura 15 - *Cité*, nível Quai d'Austerlitz



Fonte: BNF, disponível em: <https://gallica.bnf.fr/>

Figura 16 - *Cité*, acesso vertical



Fonte: dos autores, 2022

Figura 17 - *Cité*, Cobertura



Fonte: dos autores, 2022

Figura 18 - *Entrepôt*, Nível térreo, VLT



Fonte: dos autores, 2019

Figura 19 - Rasgo na estrutura, linha VLT



Fonte: dos autores, 2023

Figura 20 - Entrepôt, nível térreo, pedestre



Fonte: dos autores, 2023

Figura 21 - Fachada posterior, sobreposições



Fonte: dos autores, 2023

## 5. CONCLUSÃO

Os edifícios apresentados são consequência de uma transformação que não se dá de forma completa, mas surge de algo e se transforma em uma multiplicidade reconhecida, coesa, mas ainda “identificável” em sua originária identidade. As estruturas preservadas foram responsáveis por manter uma certa identidade das construções como um traço. Um rastro que impulsionou sua própria modificação, a partir do momento em que suas funções e conteúdos primeiros foram apagados. Essas não são mais enxergadas como um objeto isolado, mas já são outra coisa a partir da adição de novos fluxos. Fluxos que cortam e subvertem fluxos hierarquizados, criando novas relações entre chão e cobertura, entre público e privado, entre interior e exterior. Acoplamentos que subvertem fronteiras.

O deslocamento de lógicas, sejam elas programáticas, funcionais, históricas ou econômicas, a partir de seus cortes, gera novos questionamentos e novas possibilidades. O trazer à vida, a partir de um trabalho de articulação e montagem de elementos arquitetônicos ultrapassa a relevância estética, o novo conjunto formado, antigo + novo, marca de alguma forma a individualidade de cada elemento e memora em si a presença do outro.

Distanciando-se de lógicas usuais baseadas no apagamento e renovação dos territórios e fazendo alusão aos exemplos apresentados, a discussão sobre a construção de um conjunto dinâmico, aliança entre o novo e o existente, pode representar uma das formas de aproveitamento e reabilitação de estruturas. Por meio de acoplamentos arquitetônicos, torna-se possível o retorno, não idêntico, de estruturas tidas como obsoletas, tendo suas existências urbanas e sociais ressignificadas. O descolamento dessas estruturas, o corte histórico, que parece representar seu fim como elemento urbano, é, na verdade, a abertura para novas lógicas de reinserção.

Abertura que possibilita a existência de uma arquitetura que se adequa e responde a questões urbanas, sociais e econômicas e encontra na discussão da reabilitação da paisagem construída por novos acoplamentos uma possibilidade de fuga da lógica do descarte ou museificação patrimonial. Ambas estratégias acabam por reificar arquiteturas e espaços urbanos ao subestimarem a força da memória como fonte de porvir. Esses acoplamentos



significam uma reconciliação com o tempo histórico, passado, presente e futuro passam a conviver a partir de uma estética que redescobre o valor do distante no tempo.

A partir da nova estrutura formada (antigo + novo), criam-se dinâmicas locais, envolvendo o transporte público, a malha urbana e atividades culturais e econômicas. Defende-se aqui a preservação sem sacralização de estruturas; a metamorfose passa a ser um objetivo no horizonte urbano. Seria a reconstrução da cidade sobre a cidade, a construção da Arquitetura sobre a Arquitetura, a possibilidade de transformação da memória sem que exista o seu abandono? Ou, em sentido inverso, quais os riscos de sua espetacularização? De forma geral, existem intensidades diferentes de projetos, os que se aproximam dessa arquitetura espetáculo e os que se aproximam da lógica de um retorno transformador, discretas restituições metamorfoseadas, criadoras de novos espaços públicos e coletivos às cidades.

## 6. REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

HUYSSSEN, Andreas; HOLLANDA, Heloísa Buarque de; UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES. **Seduzidos pela Memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano: UCAM, 2000.

LAPOUJADE, David. Deleuze, **Os Movimentos Aberrantes**. São Paulo: N-1 edições, 2015.

MERCURIALI, Mathieu. **141-221 Boulevard Macdonald**, Reconversion de l'entrepôt Macdonald, Paris: Pavillon de l'Arsenal, 2014.

SERRES, Michel. **Le Parasite**. Paris: Grasset, 1977.

ZOURABICHVILI, François. **Le Vocabulaire de Deleuze**. Paris: Ellipses, 2003.